

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia tanto), na — Typographia de Paula Brito — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 5000 rs. por seis meses para a côrte; e 6000 rs. para fóra, pagos adiantados. Na. avulso, 120 rs.

A MARMOTA.

As Interpellações.

« Mal estamos livres de uma, já nos moltemos em outra! » — taes foram as palavras que machinalmente nos sahiram da boca quando lemos no *Correio da Tarde* a noticia das interpellações feitas pelo digno deputado Bahiano ao nobre Presidente do Conselho, o Sr. Senador pela mesma provincia.

O *Correio Mercantil* dando conta deste facto, disse:

Quanto á primeira (definiu a sua opinião).

(Quanto á segunda... ficou no tinteiro).

Ora, como no presente caso não pode ser applicado o proverbio — « *Quem cala consente* » bem definida está para o publico a opinião deste importante órgão da imprensa.

Muitas e diferentes são as cousas que por ahí se dizem a respeito...

Querem uns, que o nobre Presidente do Conselho fosse quem provocasse as interpellações para dizer a que senta ao paiz que

tanto ama, e por cuja dignidade e prosperidade tão zeloso se mostra.

Querem outros, que tal resolução fosse tomada sem intervenção de S. E.

No primeiro caso, o chefe do gabinete pode dar opinião sua.

No segundo... *Hoc opus hic labor est!*... Não será cedo, para que uma tal provocação se fuça a um ministerio novo, e que ainda não se acha de todo organizado?... talvez.

A ARCA DA FAMILIA

Romance original

por

A. A.

(Principiou no n. 1081.)

— Não tenho quem chore por mim, não irão molhar de lagrimas a minha sepultura, morrerrei como tenho vivido, ignorado e esquecido de todos. Aqui, fechado nesta officina, acabarei com o meu infortunio.

Laura respirou ao ler esta carta.

Marcos prometteu ao seu vencedor quanto este quiz por medo da morte; cumpriu quanto prometteu por medo da justiça.

A carta porém de Marcos não era assás sufficiente para tranquillisar Laura, era mister verificar-se quanto Marcos nella dizia. E' verdade que os escravos de Laura haviam antes assegurado que um homem da cidade tinha ido ver a chacara de Marcos para compral-a, o que em parte confirmava a carta do mesmo; porém isto era pouco, queria-se uma prova evidente, isto é, exigia-se ver Marcos embarcar e deixar o porto.

Laura não era uma dessas almas innocentes, que ignoram até onde chega o poder de um malvado, e Marcos não era um homem que deixasse impune uma affronta, para que não fosse continuamente perigosa a sua presença.

Si acreditarmos nas confissões feitas por um homem que foi preso na praia de Botafogo, veremos claramente as intenções de Marcos, e admiraremos o seu talento para uma vingança. Este homem, preso por ter dado uma facada por causa de jogo, foi conhecido na cadeia por alguns de seus antigos comparsas, convem saber ladrões da celebre companhia de Marcos. Passando-se-lhe revista em tudo quanto trazia, achou-se-lhe uma carta que havia recebido na vespera de sua prisão, a qual fóra no dia em que Marcos devia embarcar: esta carta dizia o seguinte:

« Amigo, eu vou até Ilha-Grande, pois

Amanhã acharão o meu cadaver, e todo o meu martirio, todomas amarácará occulto no escuro de uma sepultura. André fechou as portas da sua officina.

— Meu Deus, perdão para o artista pobre e desgraçado, que cedo desesperou do mundo e dos homens. Virgem do Deus, tende piedade da minha alma...

— Soccorro, soccorro, Sr. André.

— Esta voz!

— Abri, Sr. André.

— Pedem soccorro, vejamos; quanto ao meu destino, já eu tracei o seu fim; e André abriu as portas da sua sala.

— Oh! sois vós. minha velha.

— Sim, vim pedir-vos soccorro.

— O que vos acontece?

— Dirigio-me para vossa casa em procura da minha esmola, porém alguns vadios e garotos começaram a zombar e a rir-se de miu, e o escarneo, o insulto chegou a tanto, que me arrancaram a mantilha da cabeça.

— Miseraveis, vis como os cães, que mordem os que encontram; mas agora, minha boa velha, estais livre de tudo.

— Por' m estais tão pallido, Sr. André! disse a velha olhando para o moço.

no curto espaço que tenho não achei embarcação para um porto mais perto. Apenas alli chegue, voltarei no primeiro navio que para aqui voltar; e então uma boa fortuna nos espera. Lembra-te. — Marcos. »

Ora, o sigillo das cartas não tem tão amplo circulo, que abranja nelle os extensos braços da obessa Policia; e essa velha matrona pouco escrupulosa em segredos, e curiosa importuna a ponto de indagar, e tudo querer saber, não é lá muito amiga das formulas polidas, nem de ceremonias sociaes para com aquelles a quem toma debaixo de seu immediato cuidado. Este homem preso, perguntado e reperguntado, sob algumas promessas, confessou que Marcos, que adoptára este supposto nome, se chamava Pedro, e que fóra capitão de uma quadrilha de ladrões, de que elle fóra um, como tenente; este Pedro comquanto já mais rico ainda não tinha perdido o caridoso amor de guardar aquillo, que seus donos guardavam mal; que Pedro ameaçado por alguém, de quem jurára vingar-se, si esse alguém fosse vivente, ia deixar o Rio de Janeiro sem a menor demora, mas com firme proposito de voltar logo; e que então deveria estar occulto em sua casa, até ir arrecadar os bens de uma rica viuva; moradora na Copa Cabana; a cuja vida Pedro dizia ter incontestavel direito, por causa de algumas razões de queixas, que contra ella tinha, de quando foi seu visinho. A estas declarações seguiram-se outras que não dizem respeito á nossa historia.

(Continua.)

POLYPTIM.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

por

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065. Continuação do n. 1082.)

No quinto dia, depois da celebre scena do jardim, recebeu Laura uma carta; a letra era de Marcos; ella estremece, abre, e lê tremendo o seguinte:

« Forçado por minhas circumstancias a abandonar para sempre o Rio de Janeiro, quero que a meu respeito fiquéis completamente tranquilla; esqueçamo-nos de tudo quanto entre nós houve; e este esquecimento seja um esquecimento eterno. Amanhã, pelas sete horas da tarde, devo embarcar-me no largo de Palacio, e no seguinte dia sahirei para sempre desta terra.

« Aproveito esta occasião para ser justo antes de minha partida. A pessoa que no fundo do vosso jardim appareceu em vosso soccorro, e a quem deveis a vida, era o vosso escravo João. Adeus, sede feliz. Marcos. »

—O trabalho...

—Tremeis, ah! e estas armas! Será possível, Sr. André! Vós que tendes uma alma tão pura, que mostrais ter a caridade e a fé de um santo, querer tentar contra a vossa vida! estais louco! Que aquelle que não tomou fé no coração, que não crede piamente em Deus, procure commetter tal crime, posso crer, porém, que vós, ainda tão moço, de alma celeste, de coração de anjo, e que tendes idéas puras e claras de Deus, quizesse praticar essa fraqueza, esse crime, que nem Deus perdoa, ah! é o que não posso crer! Estás louco, Sr. André!

—Os infortunios, disse André pallido e frio como o gelo.

—Fallais de infortunios, e tendes 27 annos! e se tivesses soffrido, o que eu tenho padecido, se tivesses 50 annos de tormentos e de dores, o que dirieis, moço? Escutai: vós que tão cedo desesperastes da vida, ouvi a minha historia, senhor.

André recostando a cabeça sobre as mãos, começou a ouvir o que dizia a velha.

—A minha historia é curta; a minha vida podia-se descrever com uma só palavra—martyrio!—Já fui rica e feliz, então era bem moça. Meu pai chamava-se Arnaldo, poder-se-hia chamar Catão, se vivesses no tempo de Cezar e de Pompeo. Dizem que fui formosa: os annos, a miseria e os tormentos parece que se reuniram para negar esta idea. Amei e fui amada, Sr. André; mas para que contar-vos agora o amor ardente de dois jovens de 20 annos?

O amor quando é intenso allucina a razão: conheci que breve devia ser mãe. Meu pai até então ignorava tudo; porém no dia que tive o meu filho, pai desse infeliz veio ter comigo, e disse-me, que o nosso amor estava descoberto, que o meu pai sabia já de tudo, e que o procurava perseguir; então não sei como de susto não morri; sabia quanto meu pai prezava a honra, e assim pensei que os meus dias estivessem contados. E uma lagrima correu pelas faces da pobre velha.

—Continuai, minha velha.

—Esse homem, que causára a minha desgraça, chegou ao berço de meu filho e lho doitou ao pescoço...

—O que? perguntou André tremendo.

—Uma medalha de ouro, presa por um cordão de seda.

—Ah!...

—O que tendes, Sr. André?

—Nada; continuai, eu vos peço.

—Neste mesmo instante ouvi bater á porta do meu quarto, meu pai entrou, assim que o vi perdi os sentidos, desmaiei. Quando tornei a mim, soube, no dia seguinte, que o pai do meu filho tinha podido salvar-se, saltando por uma janella, e não encontrei mais o meu filho, tornei-me então louca, inteiramente louca; perguntei por meu filho, não me responderam; desci as escadas, e comeci a vagar pelas ruas em procura de meu filho...

—Meu Deus!

—Sentis alguma coisa, Sr. André?

—Não, acabou, senhora...

—Tendo perdido o meu filho, perdi a razão, esqueci-me de tudo; comeci a pedir esmolas o a cantar pelas ruas... De meu pai não tive mais noticia; tambem elle foi tão mau para mim...

—Mas senhora, se visseis a medalha, que poz-ram ao pescoço de vosso filho, a conhecerieis?

—Não sei, não me lembro...

—Oh! que desgraça! Porém não vos disseram, o que foi feito de vosso filho?

—Não ouvi fallar mais d'elle.

—Meu Deus! Mas então dizei-me como se chamava esse homem, que vos amou?

—Deixai-me lembrar... ah! sim, tinha o vosso nome, chamava-se André de Castro...

—Minha mãe!

—O que dizeis, Sr.? quereis tambem escarneçar de uma pobre velha?

—Não; eis aqui a medalha que meu pai atou ao meu pescoço, eis aqui um papel escripto pela sua mão, e assignado por elle...

—Ah! é verdade, é esta a medalha, esta é a sua letra: meu filho, disse a velha cahindo nos braços de André.

—Minha mãe!

—Mas será isto um sonho, estarei ainda louca como já estive, ou na realidade abraço o meu filho!

—Sim minha boa mãe, abraçais o vosso filho, o vosso André; e as lagrimas do moço se confundiram com as de sua velha mãe.

(Continúa.)

MONUMENTO

EM MEMORIA DO BRIGADEIRO

MIGUEL DE FRIAS E VASCONCELLOS

E DE SEU IRMÃO

FRANCISCO DE PAULA VASCONCELLOS

MARECHAL DO EXERCITO

offerecido a seu sobrinho

O EXM. SR.

MANOEL DE FRIAS VASCONCELLOS

PRESIDENTE DO PARÁ

PELO EDITOR

F. DE PAULA BRITO.

AO

ILLM. EXM. SR.

MANOEL DE FRIAS VASCONCELLOS

Tenente-Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros, Cavalleiro da Ordem da Aviz, Official da Imperial Ordem da Rosa Deputado Supplente á Assembléa Geral Legislativa pelo 3.º circulo da corte, e actual Presidente da Provincia do Pará.

SNR.

Quando emprehendi a publicação desta obra, dois foram os fins que tive em vista:—eternisar por meio deste Monumento a memoria do brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos, e dar a seu irmão, o marechal Francisco de Paula Vasconcellos, mais uma prova do respeito que sempre lhe consagrei, e do alto apreço em que sempre tive as suas nobres qualidades; a morte, porém, arrebatou-o antes de completo o trabalho, para o qual S. Ex. em parte contribuiu, collocando elle mesmo os jornaes de que eu não tinha conhecimento, impressos esses que na vespera do seu passamento determinou que me fossem entregados.

Se, pois, não comprí meus desejos, offerecendo este livro ao Brasileiro distincto, ao Militar brioso, ao Homem verdadeiramente philantropico e despoído das vaidades do mundo, aceite-o V. Ex., digno Sobrinho de tão

respeitaveis Tios, pela certeza que tenho de que na pessoa de V. Ex. nunca será desmorcado o nome dos—Frias Vasconcellos, — Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1859.

O EDITOR

F. de Paula Brito.

DUAS PALAVRAS

SOBRE O PASSAMENTO

DO

BRIGADEIRO

MIGUEL DE FRIAS E VASCONCELLOS.

Collecção de diversos artigos que, por occasião do passamento do illustre brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos, foram publicados pelos diferentes órgãos de nossa imprensa jornalística, não tivemos por fim mais do que conservar de um modo mais duradouro a memoria d'aquelle prestante cidadão.

O jornalismo, lido como é entre nós, e logo posto de parte, não é o meio mais efficaz para perpetuar o nome de um homem que por suas raras virtudes e transcendentes qualidades se tenha sabido collocar acima de todos os outros homens; não, tão enobrecida vida necessita de um monumento mais perduravel.

Esse monumento ahí está, ahí o apresentamos ao publico, que n'elle pôde admirar o gráo subido a que o homem pôde chegar na estima de seus concidadãos, pelo seu talento, pela bondade de seu coração, pela firmeza de seus principios, pelos beneficios realizados pela generosidade de seu espirito.

Corresponderá elle á grandeza do assumpto? de certo que não; mas a linguagem do homem nem sempre pôde expressar todos os sentimentos de sua alma. O espirito é vasto, vastissimo em suas concepções, e o vocabulario humano não pode acompanhá-lo em todos os vnos que elle dá, em todos os seus enleivos, em todos os seus arrebatamentos. O que ha ahí que exprima a saudade como nós a sentimos? Que phrases pôdem pinhar a dor, essa dor que nos faz gelar o sangue, essa dor que antes nos faz emmudecer?

Uma consolação, porém, nos resta: e é que aquil o que se podia dizer a bem do illustre morto, foi dito; todas as suas virtudes foram commemoradas, como o permittiam os recursos da intelligencia. Quanto a nós, collecção de todas essas flores cypresinas, e procurando com ellas engralidar o seu nome, julgamos poder pagar o tributo que a nossa amizade e a nossa gratidão lhe devem...

Para que este volume se tornasse de todo importante, abrimos espaço n'elle a dois artigos que, por pennas mui habéis, foram escriptos para serem aqui publicados, e são os que se acham nas paginas 68 e 84.

Das palavras mais:

Aquelles que acreditam o paiz embebido na contemplação do *Bezerro da Ouro*; aquelles que julgam o sentimento do justo, do honesto e do nobre, cousa rara entre nós, desapreciada por todos, podem estas paginas servir de protesto. O rico e o pobre, a aristocracia e o povo, todos foram unanimes em chorar a perda que soffreu o paiz. E' que o sentimento do bello não se pode extinguir no coração do homem.

Peças de que se compõe o volume.

Primeira parte.

Artigo do *Correio Mercantil* de 27 de Maio. Duas palavras sobre o brigadeiro Miguel de Frias; *Correio da Tarde*.

Discurso pelo Sr. Dr. Ernesto Frederico Pires de Camargo, como orador da S. A. da Instrução, recitado ao dar-se á sepultura o corpo do seu digno Presidente.

Discurso recitado no mesmo acto pelo Sr. Capitão Antonio João Rangel de Vasconcellos d'Antax.

Discurso, recitado na missa do setimo dia

pelo Sr. Dr. De-Simoni, como orador da S. Amante da Instrução.

Artigo do *Noticiador Curioso*.

O fallecimento do Sr. Miguel de Frias e

o *Jornal do Commercio*; artigo da *Patria*.

Oblução, pelo Sr. Luiz Antonio de Castro.

Tributo de gratidão, pelo Sr. Dr. José Thomaz de Aquino.

Algumas palavras recitadas por occasião da missa mandada celebrar na Igreja do Carmo, offercidas ao seu amigo o Sr. Antonio José Dias Moreira pelo Sr. F. J. Bittencourt da Silva.

O brigadeiro Miguel de Frias e Vasconcellos; artigo do Sr. Dr. João Ricardo Norberto Ferreira.

«Hoje por mim, amanhã por tí» artigo da *Marmota*.

Discurso recitado no Pará pelo Sr. Major Cattote, no acto da missa mandada celebrar pelo Exm. Presidente o Sr. Manoel de Frias Vasconcellos.

O brigadeiro Miguel de Frias Vasconcellos, artigo de uma penna mui habil escripto expressamente para fazer parte do *Monumento*.

Honras Militares feitas ao finado Brigadeiro.

Segunda parte.

O General Francisco de Paula Vasconcellos, artigo do Sr. A. J. Rangel de Vasconcellos d'Antas.

A sentida morte do General Francisco de Paula Vasconcellos, artigo do Sr. F. Eleuterio de Sousa, escripto sob apontamentos dados por amigos intimos do fallecido General.

Lista dos Subscriptores.

Este volume, contendo de 90 a 100 paginas da impressão, assigna-se e vende-se na praça da Constituição n. 64, loja de Paula Brito, editor.

A influencia dos dias lunares

SOBRE O DESTINO DE ALGUNS HOMENS.

A lua não exercendo uma influencia directa sobre certos acontecimentos d'este mundo, torna-se por isso mesmo ainda mais admiravel, por isso que tem presidido muitas vezes ás principaes phases da vida de grandes homens.

Façamos sobre este assumpto algumas considerações.

Luiz XVI nasceu a 23 de Agosto de 1754, quinto dia da lua. Subiu ao throno de 10 a 15 de Maio de 1774, pelo quinto dia da lua. A Convenção decretou a abolição da relexa a 21 de Setembro de 1792, quinto dia da lua. E Luiz XVI perdeu sua corôa n'este dia; foi condemnado pela Convenção á guilhotina e esta condemnação teve lugar a 17 de Janeiro de 1793; ainda no quinto dia da lua! Como são admiraveis estas coincidencias!

O imperador Napoleão I nasceu a 15 de Agosto de 1769, e, segundo a epacta decimo terceiro dia lunar. A 3 de Abril de 1814 o senado declarou o decaimento de Napoleão do throno: a 3 de Abril de 1814 completava-se o decimo terceiro dia lunar. A batalha de Waterloo, a 18 de Junho de 1815 dia fatal para Napoleão, foi dada quando a lua estava no seu decimo terceiro dia da giro. Vê-se quanta coincidência existe entre estes dias e o dia do seu nascimento.

O rei Carlos X nasceu no trigésimo quinto dia da lua, e subiu ao throno em conse-

quencia da morte de seu irmão, Luiz XVIII, que teve lugar a 18 de Setembro de 1824. Nesse dia a lua estava no vigésimo quinto dia de seu curso. Não houve coincidência entre o dia lunar e o dia de sua abdicção que foi em Julho de 1830.

O rei Luiz Felipe I nasceu a 6 de Outubro de 1773; estedia cabe entre decimo nono e vigésimo lunar. Luiz Felipe foi chamado ao throno a 7 de Agosto de 1830, prestou juramento a 9. A Lua estava então entre o decimo nono e o vigésimo dia de seu curso.

A 24 de Fevereiro de 1848 surgiu inesperadamente a republica, e no mesmo dia o rei Luiz Felipe abdicou e exilou-se. A lua apresentava ainda o seu cortejo de coincidência.

O duque de Orleans nasceu a 3 de Setembro de 1810. Esta data dá a lua cinco dias. A 13 de Julho de 1842 o principe saltando do seu carro cabiu para nunca mais levantar-se, porisso morreu que alguns instantes depois. Esse dia era ainda outra vez quinto o lunar!

Quem remontasse aos seculos anteriores veria entre os homens celebres desses tempos os mesmos phenomenos acompanhando o dia de seu nascimento e o dos principaes acontecimentos que influiram na sua vida publica ou privada.

Segundo os mahometanos, o seu propheta Mahomet nasceu na conjunção da lua nova. Sua fuga, a *hegira*, foi nesse dia. Nossos escriptores modernos estão de accordo n'este ponto com os Mahometanos. Faucœur e outros dizem contudo que elle fugio de meca sessenta e oito dias depois de 16 de Julho de 122, época da *hegira* e da lua nova do Julho d'esse mesmo anno.

Os Mahometanos e chronologistas queiram tambem que Mahomet morresse em uma conjunção lunar, e fixam a época de sua morte em 8 de Junho de 632.

Se Mahomet morreu n'essa data não existe conjunção lunar, pois a lua por esta occasião contava doze dias pouco mais ou menos.

Querem tambem que Mahomet tenha morrido ao 73 annos de idade, e dizem que nasceu a 10 de Novembro de 570 tirando-se 63 de 632 resta 569, e então este legislador teria nascido no anno de 569 de nossa era. Se nasceu a 10 de Novembro de 569 ou 570, nenhuma das datas apresenta conjunção lunar; pois a 10 de Novembro de aquelle anno a lua estava no seu vigésimo terceiro dia, e a 10 de Novembro d'esse ultimo anno estava no approximadamente no seu quarto dia.

Ha por conseguinte mais engano nas datas de que nos dias lunares, porisso que os sectarios de Mahomet menos facilmente se enganaram mesmo porque entre elles todos os acontecimentos são contados em relação á lua.

Assim é certo que o nascimento, a fuga e a morte de Mahomet tiveram lugar sob a influencia de uma conjunção lunar.

O NOVO SALOMÃO (*).

Morreu em Genova, quando esta cidade ainda era governada por um doge, um rico e antigo navegante, deixando uma immensa fortuna, e cujo palacio valia tanto quanto era sufficiente para enriquecer duas familias.

(*) Imitado (segundo diz o seu autor) dos Contos em verso de le Grand d'Aussy.

Essa millionario tinha um filho unico, nascido na America, e nella residente. Seu pai tinha por costume, visitá-lo de tres em tres annos; mas uma morte repentina veio pôr termo ás suas viagens.

As autoridades de Genova escreveram ao herdeiro do morto, para que viesse receber a herança paterna; esse herdeiro com effeito embarcou-se; mas soube-se em breve que o navio em que vinha naufragara, morrendo toda a equipagem, e que só o feliz herdeiro delle escapara.

Quinze dias depois um mancebo apresentou-se ao magistrado encarregado de velar sobre a fortuna, e disse-lhe:

—Chego agora mesmo da America, e sou esse filho do rico navegante fallecido, que, sendo salvo por Deos de um terrivel naufragio, vem reclamar a herança de seu pai.

O magistrado ia reconhecê-lo á vista do concurso presente, quando um outro mancebo tambem apresentou-se, dizendo:

—Fui salvo por Deos de um naufragio, vindo da America, para receber a herança do meu fallecido pai.

O juiz franziu os sobr'olhas, e não se manifestando a favor de algum delles, adiou o negocio para o dia seguinte; mas, ao sahirem da sala, um outro joven se apresenta, exclamando:

—Ai de mim! morreu meu pai, e eu venho arrecadar uma fortuna com que já não contava; fui miraculosamente salvo de um terrivel naufragio!...

—A' vista disso, disse-lhes o juiz, d'aqui até a noite veremos que a prole do defuncto é tão numerosa como a do patriarcha Jacob. Esperaremos vossos irmãos, já que vós todos sois filhos unicos!

Contudo ninguém mais veio. No dia seguinte o magistrado subio para a sua tribuna; os senadores e o doge, seguidos das pessoas mais distinctas da cidade, vieram assistir a este celebre processo, cujo annuncio havia excitado ao mais alto ponto a curiosidade publica.

O juiz, homem de espirito, ouviu com muita benevolencia os tres pretendentes, que faziam valer seus direitos como incontestaveis, invocando cada qual a seu favor a justiça divina e a equidade humana.

Houve entre os espectadores consideraveis apostas; ninguém se atreveria a decidir em ultima instancia sobre tal questão. O doge e os mais velhos senadores olhavam-se reciprocamente; e os procuradores já se regosijavam com a idéa de uma longa e lucrativa série de processos.

Entretanto o juiz levantou-se, pronunciando estas palavras, que foram ouvidas com respeitoso silencio:

—Meus caros amigos Americanos, é bem possivel que tenhais sido até hoje mui honestas pessoas; mas ao menos (permitti que vol-o diga) presentemente ha entre vós dous audazes impostores. Quaes de vós serão?... Eis todo o problema. Pois bem, tragam para esta sala o retrato do pai destes senhores!

Trouxeram o retrato, que foi pendurado a uma parede da sala. A sua vista os tres herdeiros desfizem-se em lagrimas, reconhecendo a querida phisionomia do autor de seus dias. O juiz proseguio:

—Acalmai um pouco a vossa emoção, se vos é possivel: tome cada um de vós um arco e uma flecha; ide postar-vos em frente do retrato, no fundo da sala; e aquelle que

d'entre vós tocar no alvo por mim marcado, traspassando-lhe o peito, ganhará a herança.

O primeiro mancoço, que dizia ter vindo da America, disparou a sua flecha, cravou-a na cabeça do retrato do seu proprio pai, e arrancou-lhe um olho.

O segundo, atirando tambem por sua vez, traspassou a garganta da veneranda esfigie.

Quando porém o juiz designou o terceiro, elle quebrou indignado o seu arco e a sua flecha, dizendo que antes se deixaria matar do que commetter um tão nefando sacrilegio sobre a santa e nobre imagem de seu pai!

—E's tu o filho unico e legitimo herdeiro, disse o juiz levantando-se: depois, descendo magestosamente da tribuna, abraçou cordialmente esse terço e piedoso filho.

Toda assembléa applaudiu-o froteticamente. Então o doge, erguendo-se tambem, exclamou:

—Ao filho virtuoso e veneravel— a herança e a nossa dedicação! Para o juiz, não só a nossa unanime admiração e profundo reconhecimento, mas tambem a toga de senador! Para os dous atiradores, emfim, a America, com seus monos e papagaios!.. E como elles dizem que de lá veem, para la voltem, sendo primeiro ambos açoutados publicamente na praça principal desta cidade. Quanto ao retrato, ficará nesta sala, como um eterno testemunho do espirito esclarecido e da sem rival equidade do juiz, que merece incontestavelmente o bello epitheto de —Novo Salomão.

* * *

L. M. do Couto.—Trad.

Teus olhos.

Em teus olhos, Ritilla, mais negros que a noite
Douceja a volupia com louco folgar!
Teus olhos me prendem, minh'alma fasciam,
Me fazem te amar.

Teus olhos sintillam mais lindos mais firmes
Que estrellas de prata, nos céos a brilhar:
São sylphos mimosos pétalas de roza
A vida a libor.

Pureza, innocencia, candura e meiguice
Na luz de teus olhos se vê fulgurar;
São olhos divinos, teus olhos formozos,
Meu anjo sem par!

Teus olhos tem fogo, que queima que abraza
Aquelles que querem de perto os mirar:
Eu quero, Ritilla, na luz de teus olhos
Meus olhos queimar!..

S. Cristovão, 30 de Junho de 1859.

J. L. da S. Nepomoceno.

E's meu pai,—és minha mãe,
E's meu anjo tutellar,
E's metade de minh'alma,
E's virgem do meu pensar!

E's fonte manancial
Onde eu bebo o meu prazer,
Ou imagem qu'eu adoro
Por animar meu viver!

E's o pharol que me guias
No peregrinar da vida,
O meu prazer—minha gloria
Mora em ti—mulher querida!

Tenho tanta confiança
No teu amor virginal,
Como tenho confiança
Em um amor maternal.

S'accaso por teu respeito
No mundo soffrer tortura
Os abrolhos—serão flores,
O soffrer será ventura.

Rio, 12 de Abril de 1859.

A. J. de C. Junior.

Anecdota.

Palavra de Ingles.

Um inglez, tendo á sangue frio matado sua mulher, foi preso, e levado á presença do juiz, este lhe perguntou o motivo porque em vez de matar a não proferio separar-se simplesmente d'ella.

— Por minha honra! respondeu com orgulho o accusado: nós não podiamos mais viver unidos, mas no dia do nosso casamento jurei não separar-me d'ella antes de sua morte, e portanto não poderia fazel-o sem faltar a minha palavra de homem de bem!

GENEROSIDADE.

No anno de 1745, depois da batalha fatal de Culloden, o principe Carlos, filho do Pretendente, como então se chamava, isto é, o Stuart que reclamava o throno de Inglaterra em opposição a casa de Hanover, vagava por muitos dias em perigo de morte, se fosse descoberto.

Elle dormia nos bosques, recebendo o alimento da caridade dos que o não conheciam; e finalmente depois de uma triste jornada de trinta milhas á pé, chegou a casa de uma pessoa, que era seu adversario, e valeu-se de sua generosidade para protegê-lo. Os direitos do principe infeliz ao throno da Inglaterra, faram esquecidos nas necessidades de um proscripto errante, e foi protegido fielmente pela dita pessoa, até que podesse partir com segurança. Descobriu-se afinal, que o principe se escondera na sua casa, e foi levado perante os juizes, que tinham todas as provas, e só esperavam pela sua presença a fim de proferirem a sentença. O réo pediu licença para fallar, a qual lhe foi concedida; e dirigindo-se aos juizes, lhes disse: ha algum d'entre vós que, em meu logar, não rechesse e protegesse mesmo, o filho do Pretendente, quando se valia da vossa honra, e o exporia a ser sentenciado? Este discurso obrou como a electricidade, e teve tão bom resultado, que o preso foi solto.

RECEITA.

POMADA FINA PARA OS CABELLOS.

Tomai:

Tutano de boi purificado.. 290 grammas.
Fazei fundir, e ajuntai:
Oleo de amendoas doces... 25 grammas.
Cold-cream..... 15 »
Deixai esfriar, depois incorporai, batendo com uma spatula:
Tintura de quina..... 8 grammas.
Baunilha..... 4 »
Essencias de rosas..... 13 gotas.

Rebatei em todos os sentidos até que tenhamos uma massa perfeitamente homogenea e sem godilhão.

Charada.

Já que tens tempo bastante
Para me andares buscando,
Roma, roma, charadista,
Que eu tambem irei remando..... 1

Sou principio, sou causa, explico a essencia
Daquelle ser, que penaa, vive e sento,
E na terra não ha ser, existencia
Que eu não haja creado cartamente.

Porém, meo Deos, quantas vezes
Coberto de andrajos, mesto,
Sem ter direito a protesto,
Supporto duros revezes
Sob a rodilha e o meo cêsto?

Ciu! ciu! ciu! ciu!
Ouço, vou, na carga pego
Ciu! ciu! e á cabeça
O mundo quasi carregado..... 2

Menos valho, apesar de ser composto
Dos meos cinco elementos;
Porém sem mais comentos
No extremo final me seja posto
Um chapéo a feição, de certa forma.

Serei do gôsto e norma
De certo idô idô
Que é doce e se encontra
Somente na terra
Em que ha quingombô
Sem gorra e appensa
A uma figura
Eu tiro lhe a altura
Mas em recompensa
Lhe dou mais doçura..... 2

CONCEITO.

E's, menina, és mui travessa
Mas ah' que bem que te eu quero,
Quando te vejo chorar
Quasi, quasi desespero!

Não chores! Queres ao baile
Ir gurbosa, ataviada?
Queres um rico vestido,
A mais custosa arrecada?

Queres ir, meo anjo amado,
Por capricho a alguma festa?
Queres, que depois da benção
Te dê um beijo na testa?

Queres, que affrontando a morte
Baratês prompto a vida?
Envista com o mesmo raio
Só por ti, minha querida?

O que queres? dize; eu te amo
Como ordenou o Senhor;
Só no céo encontrar podes
Tão puro, tão santo amor.

Façamos, filha querida,
Agora uma convenção;
Dá me sempre nesses labios
Noticias do coração.

Si zangada estás comigo
De papae me trata, anginho,
Mas si contente, te peço
Me chames de... .

Typographia de Paula Brito

64 — Praça da Constituição — 64